

LINGUAGEM E REMEMORAÇÃO: YIDDISH COMO RESISTÊNCIA

Alunas: Tarsila Nascimento e Alice Reimann
Orientadora: Sonia Kramer

Introdução

Esta pesquisa está situada como um subprojeto das pesquisas realizadas pelo Grupo INFOC – Infância, Formação e Cultura – voltando-se para estudos da língua e da cultura Yiddish. O Yiddish é uma língua de fusão de três línguas: alemão, hebraico e línguas eslavas. Formou-se há cerca de mil anos, com a intensa migração de judeus que fugiam das perseguições que sofriam na Península Ibérica e na França para a Europa Central e Leste Europeu, e que foram chamados de ashkenazim. Falantes do Yiddish viviam em contexto de plurilinguismos interno e externo, ou seja, em lugares e situações em que se falava várias línguas. Estima-se que, em 1939, havia quinze milhões de judeus no mundo, sendo nove milhões e meio na Europa. E, dos seis milhões de judeus assassinados no Holocausto, a maioria provavelmente falava Yiddish, cantava, compunha, escrevia, chorava em Yiddish. A língua Yiddish - dilacerada - se espalhou por vários países, com a migração dos que fugiram ou sobreviveram. Hoje, cerca de 1 milhão a 3,2 milhões de pessoas falam Yiddish no mundo, a metade nos Estados Unidos. Este texto está dividido em: objetivos, metodologia que abarca a história do Yiddish como língua e um pouco de sua literatura, resistência e algumas formas de resistir da língua Yiddish e por fim, a conclusão.

Objetivos

Os objetivos desta pesquisa são compreender e perceber os traços culturais da língua Yiddish, demonstrar parte de seu repertório cultural e compreender quais os movimentos de resgate e resistência no mundo, principalmente no Brasil e Estados Unidos. A pesquisa procura colaborar para o acesso e resgate à língua e cultura Yiddish, atuando na valorização cultural da mesma. A língua Yiddish tem papel de resistência e experiência identitária desse outro que somos nós mesmos. Neste momento e contexto em que se fortalecem etnias, religiões, culturas, grupos sociais excluídos, é essencial garantir que jovens tenham acesso e conhecimento dessa língua sem território que resiste, insiste. A cultura Yiddish marca uma história de mais de mil anos e merece ser preservada, conhecida, inovada pela geração atual.

Metodologia

A metodologia deste projeto se baseou na revisão de literatura sobre o tema do Yiddish, sua história, língua e literatura, observação e imersão nos estudos de Yiddish (presencial no YIVO). As instituições pesquisadas foram o YIVO, Yiddish Book Center e The Workers Circle, três das principais organizações que promovem o ensino e disseminação do Yiddish nos Estados Unidos e no Brasil, o Grupo Viver com Yiddish (PUC-Rio), que desde 2015 atua no Rio de Janeiro em prol da valorização da cultura e língua Yiddish. Para isso, foram feitos estudos sobre a história dessas instituições e sobre a atuação delas a fim de contribuir para a disseminação do Yiddish.

Os referenciais teórico-metodológicos se baseiam em Jacó Guinsburg (1996) entendendo o Yiddish como uma língua-passaporte e Benjamin Harshav (1994) nas contribuições acerca do entendimento do Yiddish como uma língua de fusão. Compreendendo o Yiddish como cultura, contribuem para este referencial Sholem Aleichem (1966) e Isaac Leib Peretz (2001), dois grandes escritores clássicos da literatura Yiddish e, ainda Kadya Molodowsky (1999), Anna Margolin (2005) e Célia Dropkin (2014), mulheres, judias, escritoras em Yiddish que, por meio da literatura, tiveram suas vozes ouvidas porque foram resistência desde a primeira palavra escrita ou tentativa de querer compartilhar ou não suas histórias, sentimentos e contradições do lugar submisso e inferior que ocuparam, simplesmente por serem mulheres.

O conceito de resistência está apoiado em Walter Benjamin (1987) Mikhail Bakhtin (2002), Martin Buber (2009) que colaboram com seus estudos.

O Yiddish – do dialeto à língua

O Yiddish teve origem, segundo a bibliografia, por volta do século X, às margens do Reno. Os judeus que vinham para essa região, principalmente da Itália e de outros países românicos usavam o alto-alemão para comunicação com misturas do hebraico aramaico com o objetivo de ocultar ao não-judeu o significado dos termos, desenvolvendo assim o *jüdisch-deutsch*, o “judeu-alemão”, transformando-se em *ídish-taitsch*, “ídiche alemão”, de onde se derivou o termo “ídiche” (Guinsburg, 1996). Uma nota sobre a grafia da palavra װײַז. Na transliteração, são encontradas Yiddish, Yidish, ídiche, ídiche, ídiche, ídish, etc. A grafia Yiddish é a forma definida por instituições de pesquisa, ensino, publicação e divulgação do Yiddish, como o YIVO e o Yiddish Book Center.

No início o Yiddish era considerado uma língua do cotidiano e usado sobretudo pelas mulheres que não aprendiam o idioma sagrado (hebraico) e, em sua época arcaica não se diferenciava muito do alto-alemão. Por conta das perseguições sofridas no curso do Medievo, muitos judeus emigraram para leste europeu, a começar pela Polônia, levando consigo o seu dialeto “como meio de comunicação intragrupal, portanto já de uso generalizado para “todos” os fins da vida coletiva”. (Guinsburg, p. 27, 1996).

Entre os anos de 1500 e 1750, o Yiddish estava no seu período médio que foi dividido em dois ramos em relação à sua evolução linguística. No Oeste, mas principalmente na Alemanha, o Yiddish permaneceu nas suas formas iniciais e no Leste ganhou peculiaridades mais profundas ao se adaptar a novos contextos e introduzindo padrões linguísticos eslavos, se tornando cada vez mais próprio e levando o Yiddish de 1750 em diante ao estágio de Yiddish Moderno, “definiram a sua feição de idioma autônomo, distinto de tudo o que lhe deu origem”. (Guinsburg, p. 27, 1996). Apesar disso, até a segunda metade do século XIX, o Yiddish era visto como um “jargão” por ele ser muito ligado à fala e não ter disciplina gramatical mais definida de “língua”.

Ele tinha uma abertura a se adaptar ao local em que estava tendo grande capacidade criativa e influência locais, mas em 1908, no manifesto da Conferência Ídiche de Czernovitz ele foi considerado “uma língua nacional do povo judeu”. Aqui o Yiddish já possuía grande produção literária que contribuiu para consolidar e normatizá-lo linguisticamente. Nesse sentido, como o próprio Guinsburg (1996) afirma, o Yiddish tomou uma forma de uma língua-“passaporte” pois ao mesmo tempo que se preservou no seu caminho pelas épocas e continentes, essa língua dava abertura para que os seus locutores a atualizassem. Portanto, o Yiddish é uma língua de fusão (Harshav, 1994) do alemão, hebraico e línguas eslavas, formada em um contexto de plurilinguismo interno e externo: falantes do Yiddish falavam várias línguas (plurilinguismo interno) e viviam em lugares em que se falavam várias (plurilinguismo externo).

De uma população de mais de cerca de nove milhões e meio de judeus na Europa, em 1939, a maioria falante do Yiddish, seis milhões foram assassinados no Holocausto da segunda guerra mundial. A língua se espalhou, com a migração dos que fugiram ou sobreviveram. Hoje, cerca de 1 milhão a 3,2 milhões de judeus no mundo falam Yiddish.

Por paradoxal que possa parecer, o ídiche é um dos exemplares mais inusitados de uma língua estruturalmente moderna, a tal ponto que nem sequer a destruição da maioria de seus falantes no Holocausto e, portanto, de sua base fundante, a sociedade e cultura aschkenazi, logrou aniquilá-la por completo. E vemo-lo hoje tentando articular-se a partir de seus destroços, por novos meios e em novos meios, como os

vasos partidos da redenção final na versão luriana, retomada por W. Benjamin – metáfora que pode nos servir talvez de símbolo para o que estamos afora pretendendo fazer aqui. (Guinsburg, p. 36, 1996)

O Yiddish – literatura e voz a resistência

Por meio da literatura o Yiddish se fez presente, transgrediu o tempo e desafiou seu lugar entre tradições e injustiças para tornar-se resistência, memória e transformação de uma cultura imersa em incertezas na luta por sobrevivência. Dessa maneira, dois escritores expoentes desse processo marcaram a trajetória da língua Yiddish: Sholem Aleichem e Isaac Leib Peretz, a partir de suas obras literárias, repercutem estudos e são referência até a atualidade.

Ambos os escritores emergem na mesma época, dialogam assim com o mesmo contexto histórico, mas provocam seus leitores de forma diferente. Sholem Aleichem investe no humor crítico, mas com leveza, consegue transpor a tristeza e a dor da realidade com consolo. I. L. Peretz também escrevia com cunho crítico, mas sem muito humor, despertou em seus leitores judeus falantes da língua Yiddish, vontade de auto emancipação e resistência. Tanto Sholem como Peretz são críticos sociais do seu tempo e isso permeou boa parte das suas obras, retratos de uma realidade que determinou a vida de muitos judeus do leste europeu. Em um dos seus contos Peretz, por meio de um dos seus personagens, provoca, a não se crer demasiado na política perversa do momento, ironicamente está militando: *“O Antissemitismo é uma doença. A política, como um médico idiota, posta-se junto ao leito de um doente, procurando apenas prolongar a enfermidade.”* (PERETZ, p. 275, 2001)

Sholem Aleichem, que traduzido significa “A Paz seja convosco” foi um pseudônimo de Sholem Rabinovitch. A expressão “Sholem Aleichem” é usada no culto da sinagoga em hebraico, mas ganhou uso também no cotidiano dos judeus falantes de Yiddish como uma saudação muito usual, cotidiana. Sholem Aleichem retrata a vida cotidiana de uma família judia simples no interior da Rússia, no Século XX em sua reconhecida obra: ¹*Tevye, o leiteiro (Em Yiddish: Tevye der milkhiker)*, que inspirou o musical e logo mais o filme: “O violinista no telhado” (1972) onde por trás dos casamentos e rebeldias das suas filhas, a família se vê perseguida e exilada pelo Império Russo vigente, por serem judeus, obrigados a deixarem a pacata aldeia. Sholem Aleichem, como em seu próprio epitáfio descreve era um judeu simples, que vivia em *shtetl* (cidadezinha), apesar das críticas que sofreu pela sua forma de escrita, foi essencial para a literatura Yiddish e assim, para o veredito do Yiddish como língua.

¹ Originalmente escrito em Yiddish, e publicado pela primeira vez em 1894.

Aqui jaz um judeu comum
Que escreveu, isto é verdade, apenas em ídiche,
E para as mulheres e para gente comum.
Era humorista, era autor
Que zombava de tudo.
Apanhou muito na vida,
Mas seu público riu e bateu palmas,
E só Deus sabe como ele sofreu. (Sholem Aleichem, p. 7, 1966)

Diferente dos clássicos da literatura Yiddish, escritos e propagados culturalmente por homens, as mulheres também participaram desse movimento de resistência por meio da literatura, representando uma parte da cultura Yiddish que foi silenciada pela discriminação e falta de reconhecimento da comunidade judaica da época. Grandes nomes, pouco conhecidas no Brasil, mas já exploradas nos EUA, Katya (Kadja) Molodwsky (1884-1975), Anna Margolin (1887-1952) e Célia Dropkin (1887-1956) dão voz aquilo que não era visto, surpreendendo leitores e estudiosos da língua quase um século depois. Cada uma com sua particularidade e seu desafio em existir expresso em palavras, umas mais amargas, outras mais tenras e eróticas, mas todas acompanham uma insatisfação ou tristeza com a vida. Isso, considerado o contexto político e histórico do seu tempo, agravados pela condição de serem mulheres, bem como descrevem as autoras:

Migrantes do leste europeu para os Estados Unidos, Inglaterra, Canadá, Israel, várias escondidas atrás de pseudônimos, suas escritas autobiográficas contam histórias de rejeição e preconceito, casamentos negados por ritos e dogmas, poemas queimados em contextos onde a ortodoxia recusa à mulher seu direito à autoria e à autonomia. Prosa e poemas feitos no/de gueto, poemas eróticos, relatos de amor romântico, angústia, amargura, depressão, crítica. Esculpida nos textos, a opressão, a (in)subordinação, a discriminação por serem mulheres, judias e escritoras. (Kramer; Reimann. 2019, p.03)

O que é resistir?

Resistência, do latim (XVI) *resistentia*, significa ato ou efeito de resistir, de não ceder; força, oposição, obstáculo, reação, defesa; opor-se, defender-se, recusar-se, durar. Segundo o dicionário Michaelis:

1. Ato ou efeito de resistir; 2. Capacidade que uma força tem de se opor a outra. 3. Capacidade que o ser humano tem de suportar a fome e a fadiga. 4. Defesa contra uma investida. 5. Recusa do que é considerado contrário ao interesse próprio. 6. Não aceitação da opressão. 7. Qualidade de quem é persistente. 8. Movimento de luta nacional contra o invasor. 9. Qualidade do que é firme, resistente ou durável; solidez.

Na física, resistência é quando há oposição ao deslocamento de um corpo em movimento. Na construção civil diz-se dos materiais que são capazes de resistir a desabamentos ou intempéries.

Nas ciências sociais resistir tem outros significados: para Benjamin (1987), é escovar a história a contrapelo, na direção contrária à esperada; em Bakhtin (2002), resistir é lutar com língua e poder. Para Buber (2009) é estar em presença, vínculo, com comunidade, na relação EU-TU.

Resistência remete, pois à força, obstáculo, reação, oposição, defesa, recusa, desvio.

No âmbito desta pesquisa resistir é não esquecer, ou como diz Kramer (2020), resistir é não se acostumar. O Yiddish é uma língua que se pretendia destruir, esquecer. Rememorar é um ato de resistir pois como Seligmann-Silva (2008) aponta, a memória é o avesso do perigo de esquecer, de encobrir a narrativa que apresenta o triunfo dos vencedores. Esquecer uma língua é marca dos genocídios que assolam povos, culturas. Pesquisar línguas, suas histórias, produções culturais é resistir a esse apagamento.

O que é resistir no Yiddish

A partir de muito estudo e resistência movimentos ao redor do mundo têm sido feitos nas últimas décadas, para reverter toda e qualquer associação triste ou estigmatizada à Língua Yiddish, e assim promover uma espécie de *revival* da cultura. Os principais trabalhos acontecem no âmbito da pesquisa e resgate da literatura, da arte, da música e claro do idioma Yiddish. Isso pode ser visto e acompanhado em instituições de pesquisa e ensino norte-americanas, os quais difundem a cultura em seus projetos se mantendo, ao longo do tempo a partir de princípios universais e seculares de resistência e cultura como patrimônio de todos, sem restrições apenas a judeus, fazendo desses lugares centros de pesquisa e riquíssimos achados, por jovens e pesquisadores das mais diversas áreas e países.

O YIVO² (*Institute for Jewish Research, NY*), Instituto para Pesquisa Judaica, foi fundado como Instituto Científico Yiddish em Vilna, Polônia, em 1925, por acadêmicos, professores e outros ativistas comunais que viram a língua Yiddish como o melhor meio para educar a população judaica, e dar ao povo judeu acesso à sua história e cultura. Forçado pela Segunda Guerra Mundial a se mudar para a cidade de Nova York, onde está sediado desde 1940 e a partir de então promove e fortalece a cultura e língua Yiddish por meio de muitas frentes acadêmicas, de pesquisa e ensino. Sendo referência para qualquer aprofundamento linguístico ou histórico da língua e dos judeus do Leste europeu.

² Basic Facts About Yiddish, YIVO, 2014.

O *Yiddish Book Center*³ (Centro dos Livros Yiddish), também localizado nos EUA, Massachusetts, representa grande parte desse movimento de *revival* da língua Yiddish. Foi fundado um pouco depois do YIVO, em 1980, por Aaron Lansky um jovem americano que não soube como conter tamanha indignação em ver tantos livros escritos em Yiddish, desde literatura a livros de receita ser descartados como lixo, por famílias, netos de falantes da língua que não sabiam o que fazer com eles. Sem hesitar e com ajuda de amigos na época, resgatou centenas de livros e hoje o acervo chega a 1 milhão de livros que chegam de todas as partes do mundo. As frentes de formação para tradutores, professores e jovens são protagonistas na Instituição, assim como Projetos que resgatam as histórias de vida de judeus que de alguma forma contribuíram e contribuem para a permanência da existência do Yiddish. Com isso, desde o primeiro movimento de Aaron até hoje, são décadas de resistência que serão perpetuados por ações e pessoas que foram afetadas pela riqueza que a cultura representa para si e para todos.

O *The Workers Circle*⁴ (Círculo dos (as) Trabalhadores (as)), em Yiddish, “Der Arbeter Ring”, nasceu em 1900 com imigrantes judeus progressistas como forma de resistir em comunidade aos novos desafios enfrentados ao chegar na América. Seus princípios visam a comunidade judaica, justiça social e a promoção de uma comunidade judaica iluminada. Procuram colaborar para a melhor vivência dos judeus americanos com a luta pela dignidade, justiça nas práticas de trabalho e direitos econômicos.

Desde a sua criação e o que impulsionou a ela, vê-se traços de resistência. Agindo em comunidade, como para Buber, uma experiência de dirigir-se-um-ao-outro, “um face-a-face dinâmico, um fluir do Eu para o tu” (BUBER, 2009, p.66). Oferecem um engajamento cultural judaico e corrobora para o *Yiddishkayt*, a cultura Yiddish, com programações que valorizem o Yiddish dentro dessa comunidade.

Além de resistir ao lutar pelos direitos e justiça social e econômica, o The Workers Circle atua também oferecendo cursos presenciais e online em Yiddish para qualquer nível de proficiência e qualquer que se interessar por eles. Fora das instituições acadêmicas, ele é a instituição que mais oferece aulas de Yiddish nos Estados Unidos. Envolve alunos de todas as idades e possui também uma plataforma de ensino para crianças chamado YiddishPop⁵, um site que possui um programa interativo, animado e gratuito que ensina Yiddish sem exigir nenhum

³ <https://www.yiddishbookcenter.org/>

⁴ <https://circle.org/>

⁵ <http://www.yiddishpop.com/>

conhecimento prévio, mais destinado às crianças, uma forma de manter o Yiddish vivo desde a infância.

O grupo *Lebn Far Yiddish*⁶ “Viver com Yiddish” (PUC-Rio) atua desde 2015 com o desejo de atuar na valorização, no conhecimento e no interesse pela língua Yiddish, principalmente por crianças e jovens. No centro de sua proposta encontram-se o estudo e a pesquisa da língua, história, música, literatura clássica, contemporânea e popular e da sabedoria judaica Yiddish. O Grupo favorece o acesso e o resgate da língua Yiddish possibilitando espaços para que judeus e não judeus apropriem-se da língua e se encontrem com a riqueza da produção cultural Yiddish, em particular com a literatura e a música.

Suas ações são: (1) oficinas de Yiddish com crianças, iniciadas em 2017, em parceria com o Colégio Eliezer Max. Promovem a experiência de crianças, suas famílias e professores com músicas, histórias e literatura Yiddish; (2) Cursos sobre Yiddish e de Yiddish na PUC-Rio (Graduação; Pós-Graduação e Extensão). Foram realizados os Cursos *Aprender com Yiddish: música, literatura e sabedoria* (2017.2), *Yiddish como resistência e experiência identitária* (2018.1), *Histórias contadas e cantadas em Yiddish: língua, música e pesquisa* (2018.2); *Humor Judaico e língua Yiddish* (2019.1); *A resistência na língua Yiddish: Leituras de Martin Buber* (2019.2). Esses Cursos têm tido grande procura (entre 28 e 32 por turma) inclusive de jovens. Visam favorecer o acesso à língua Yiddish, abrindo espaço para que judeus e não judeus conheçam e queiram aprender a língua. Desde março de 2019, aulas de Yiddish nível iniciante, vêm sendo dadas e em 2020, essas aulas continuaram na modalidade online. (3) pesquisa Histórias de vida e experiências com a língua Yiddish (em colaboração com o Projeto de História Oral Wexler do Yiddish Book Center), visa conhecer as histórias de pessoas e famílias e identificar se (e o quê) conhecem da língua Yiddish, se falam, se leem e/ou escrevem; se cantam; de onde se origina seu conhecimento; se querem aprender; (4) formação de jovens em Cursos de Yiddish nos Estados Unidos – cursos presenciais no YIVO/Bard College e online com o Workers circle. (5) Grupo Musical Viver com Yiddish. Composto de bandolim, teclado, violino, flauta, bateria, percussão e voz, o grupo já realizou mais de 10 shows em instituições no Rio de Janeiro e São Paulo e lançou no evento “Música e Teatro Yiddish: a resistência na língua e na arte” na PUC-Rio de 2018 o Livro CD duplo Likhtik (Iluminado) com 16 faixas – algumas inéditas – mostrando o vigor da língua e da música Yiddish. (KRAMER, SILVEIRA, RIAN, 2018).

⁶ <https://vivercomyiddish.com.br/>

Contribuir para tornar a língua e a cultura Yiddish acessíveis à nova geração favorece o conhecimento da língua, da criação literária, artística, cultural, da vida dos imigrantes judeus. Estas iniciativas fazem parte de grupos que atuam em várias partes do mundo pela constituição de identidades e recomposição de línguas dilaceradas por situações históricas de preconceito, discriminação, eliminação ou extermínio.

Conclusões

Esta pesquisa é um exemplo de resistência no sentido de que dissemina e amplia horizontes para esta língua quase esquecida e apagada, mas que a cada dia ganha espaço e se transforma nas individualidades de quem a estuda e se interessa por ela. Os projetos liderados por Instituições como o YIVO e Yiddish Book Center, possibilitam que o Yiddish não fique congelado no tempo e na lembrança triste e sim seja reapropriado e reinventado a partir de diferentes usos. O nosso projeto e as atividades realizadas pelo Grupo Viver com Yiddish (PUC-Rio) se inserem nesse movimento de *revival* (SILVEIRA, A. e NASCIMENTO, T, 2019; KRAMER, S. e REIMANN, A. 2019)

O projeto pretende dar continuidade à esta área de pesquisa investigando e procurando conhecer as interações, práticas e experiências com a língua e a cultura Yiddish de migrantes que vieram para o Brasil e os desdobramentos culturais que isso proporcionou para a comunidade judaica e fora dela, em uma perspectiva de trabalho e pesquisa entre judeus e não judeus.

A língua Yiddish tem papel de resistência e experiência identitária. Ao lado de outras etnias, religiões, culturas, grupos excluídos, é crucial que as gerações mais jovens tenham acesso e conheçam essa língua amálgama, que nunca teve território, mas que resiste, insiste, persiste. A história de mais de mil anos da cultura Yiddish merece ser preservada, conhecida, inovada, reinventada pela geração atual.

Referências:

ALEICHEM. Scholem. *Tevye, o leiteiro*, 1894.

ALEICHEM. Scholem. *A paz esteja convosco*. São Paulo, Perspectiva, 1966.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2002.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas I, Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1987

BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. Tradução Marta. E. S. Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: Perspectiva, 2009.

GUINSBURG, Jacó. Aventuras de uma língua errante. Campinas, Perspectiva, 1996.

HARSHAV, Benjamin. O significado do Ídiche. Campinas, Ed. Perspectiva, 1994.

HAYESSOD. Kéren. *Clássicos da Literatura em Idish*. Brasil, Nova Geração, 1955.

KRAMER, Sonia; REIMANN, Alice. Mulheres escritoras: ironia, sofrimento e nem sempre superação na literatura Yiddish. Ensinar e aprender Yiddish hoje? Música, teatro e literatura de resistência. 2019 (mimeo)

KRAMER, Sonia; SILVEIRA, Aline; RIAN, Bruno (orgs.). Viver com Yiddish: Likhtik (iluminado). Rio de Janeiro: 1ª Edição, 2018.

KRAMER, Sonia. Resistir é não se acostumar. Triângulos do Holocausto, 2020 (mimeo).

PERETZ, Itzak Leibus. *Contos*. (org, trad. e notas J. Guinsburg). Campinas, Perspectiva, 2001.

SILVEIRA, Aline; NASCIMENTO, Tarsila. Que bom que o Yiddish está de volta à escola: Oficinas com crianças do Colégio Eliezer Max. Ensinar e Aprender Yiddish hoje? Música, teatro e literatura de resistência. 2019 (mimeo)

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Walter Benjamin: para uma nova ética da memória. In: Revista Educação: Biblioteca do professor – Benjamin pensa a educação, São Paulo, Segmento, n. 7, p. 48-59, mar. 2008.